

Os mitos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito no Caminho Velho da Estrada Real

The myths of the Reign of Our Lady of the Rosary and Saint Benedict in the Old Way of the Royal Road

Vânia de Fátima Noronha Alves *

Resumo

Este artigo traz uma análise dos mitos da Grande Mãe Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, tendo como referência os dados encontrados em uma pesquisa sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário no Caminho Velho da Estrada Real (de Ouro Preto a Parati). Ao ouvir as histórias e memórias dos representantes de grupos de congado (também chamado de congada, moçambique, reinado, reisado), neste percurso, identificamos que, em Minas Gerais, a prevalência da devoção se dá em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e, em São Paulo, a São Benedito. As narrativas míticas que envolvem os Santos são diferentes, mas têm em comum a relação com os negros escravizados em nosso país e o fato de terem sido escolhidos para proteger esses cativos. Portanto, o objetivo deste artigo é o de apresentar as narrativas míticas sobre os santos negros bem como as particularidades das festividades em honra a eles. A pesquisa, que é qualitativa, se apoiou no método de história oral sendo as entrevistas a principal estratégia adotada. Ao todo foram visitadas 15 cidades no percurso do Caminho Velho, sendo entrevistados 34 membros de 22 grupos diferentes.

Palavras-chave: Mito. Nossa Senhora do Rosário. São Benedito. Caminho Velho. Estrada Real.

Abstract

This article presents an analysis of the myths of the Great Mother Our Lady of the Rosary and of Saint Benedict, having as reference the data found in research about the religious festivity, called congado, in honor to Our Lady of the Rosary, in the Old Way of the Royal Road (from Ouro Preto, in Minas Gerais, to Parati, in Rio de Janeiro). By listening to the (hi)stories and memories of the representatives of groups of congado (also called congada, moçambique, reign, reisado), in this route, we identified that, in Minas Gerais, the prevalence of devotion is in honor of Our Lady of the Rosary and, in São Paulo, Saint Benedict. The mythical narratives that involve the saints are different, but they have in common the relationship with the enslaved blacks in our country and the fact that they were chosen to protect these captives. Therefore, the purpose of this article is to present the mythical narratives about the black saints as well as the particularities of the festivities in honor of them. The research, which is qualitative, relied on the oral history method, with interviews being the main strategy adopted. In all, 15 cities were visited along the Old Way of the Royal Road, and 34 members of 22 different groups were interviewed.

Keywords: Myth. Our Lady of the Rosary. Saint Benedict. Old Way. Royal Road.

Artigo submetido em 23 de março de 2022 e aprovado em 14 de fevereiro de 2025.

* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente no Programa de Pós-graduação em Educação na PUC Minas. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-3075-4906. E-mail: vaninhanoronha@gmail.com.

Introdução

A Estrada Real é considerada primeira estrada oficial do país. Foi traçada pelos bandeirantes, no século XVII, seguindo as antigas picadas percorridas pelos indígenas que viviam nas regiões hoje pertencentes aos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O principal objetivo da abertura desse caminho foi conectar o interior de Minas Gerais ao litoral do Rio de Janeiro, com a intenção de escoar as riquezas das terras mineiras. Pela Estrada Real transitaram imigrantes, tropeiros, boiadeiros, escravos, representantes da Coroa portuguesa, inconfidentes e outras figuras históricas. Para além desse objetivo, a Estrada Real também possibilitou que os homens desenvolvessem ideias revolucionárias em busca da liberdade, culturas, histórias e subjetividades (Sebrae, 2006; Souza, 2015).

Souza (2015), descreve o percurso:

No Caminho de São Paulo a Minas, conhecido por Caminho Velho, os desbravadores estabeleceram sítios e plantações para abastecê-los. Descendo a serra, passando por Falcão (Cunha) ao porto de Parati e depois por Canoas, através de Angra dos Reis e das baías de Marambaia e Sepetiba, chegaram ao porto de Sepetiba e, novamente por terra, à cidade do Rio de Janeiro. (Souza, 2015, p. 28)

Na abertura das veredas do ouro, a população indígena que ali vivia sucumbiu sob a violência e ferocidade do invasor português. A dor e a luta dos negros e indígenas escravizados contrastavam com o poder dos europeus e o domínio dos produtos que nessas terras eram produzidas. Mas o grito de esperança também se faz ouvir sugerindo a nós, sujeitos de outras temporalidades e relações com a Estrada Real, a transmutação da peia (corda ou corrente que amarra os pés das bestas, os escravos, de animais e cargas) e da chibata, em corda e escada para escalar outras realidades.

Por toda a Estrada Real encontraremos guardas, grupos, ternos, de congados, marujadas, moçambiques, catopés, vilões, candombes, caboclinhos (Martins, 1982), traçando novos contornos, olhares e experiências. Certamente, a tradição vivida nestas manifestações permite aos sujeitos da contemporaneidade rememorar aspectos vividos em nossa história colonial, provocando-nos o repensar a própria condição, de estar no mundo, do negro.

Durante 10 anos, investiguei a manifestação do congado nos quatro percursos que constituem essa histórica e colonial via de acesso a várias cidades nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo possível o seu mapeamento. Além do Caminho Velho (em destaque nesse artigo, no percurso de Ouro Preto até Parati, no Rio de Janeiro, passando pelo Vale da Paraíba, em São Paulo), investigamos cidades no Caminho do Ouro, primeiro trajeto definido pela Coroa Portuguesa (Ouro Preto a Parati, passando por terras paulistas), no Caminho Novo, considerado o mais seguro para transportar as cargas até o porto do Rio de Janeiro, desviando-as dos ataques piratas na rota marítima entre Ouro Preto e Parati; na Rota dos Diamantes, que ligava a sede da Capitania (Ouro Preto) à principal cidade de exploração de diamantes (Diamantina) e, por fim, no Caminho de Sabarabuçu, de Ouro Preto a Serra da Piedade, onde se pensava que existia ouro quando, na verdade, era minério de ferro (Estrada Real, 2022).

Esforços conjuntos de entidades privadas e do poder público de Minas Gerais têm sido empreendidos, nas últimas décadas, para divulgar a Estrada Real como um produto turístico do estado. Foi criada a Lei Estadual 13.173/99, que consiste em um Programa de Incentivo ao potencial turístico da Estrada Real e orienta as ações da Secretaria de Estado do Turismo, objetivando o desenvolvimento turístico desse caminho histórico e cultural. Em 1999, a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) criou o Instituto Estrada Real (IER) com o objetivo de valorizar e inventariar o patrimônio cultural colonial mineiro. O IER é uma organização não governamental sem fins lucrativos que procura gerenciar e organizar o produto turístico da Estrada Real, promovendo e articulando os interesses e desejos do Governo, de empresas privadas e das comunidades no seu entorno. Desde então, o IER tem realizado vários projetos para o incremento do turismo em toda a região abarcada pela Estrada Real, constituída de municípios mineiros, paulistas e fluminenses.

Entretanto, é necessário um maior incentivo para que haja a efetiva transformação da marca Estrada Real em um produto turístico. Pesquisas devem ser feitas e baseadas em análises histórico-culturais em que a população, maior interessada, seja ouvida e, dessa forma, se garanta uma abordagem adequada para as cidades que a constituem. Nesse sentido, também as festas, incluindo as

do congado, se tornam patrimônios a serem considerados. Em 2023 a Congada de São Benedito da cidade de Cotia/SP foi reconhecida como patrimônio imaterial paulista. Do mesmo modo, em agosto de 2024, o congado mineiro foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) e pela Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Em algumas cidades desse percurso, as festas já são consideradas como tal, outras estão em processo de tombamento.

Com a intenção de contribuir para um maior entendimento e visibilidade das festas do congado no Caminho Velho, apresentarei neste artigo, uma análise de um aspecto que se destacou ao longo da referida pesquisa: os mitos da Grande Mãe Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Para tanto, lançarei mão das histórias relatadas pelos representantes dos grupos investigados.

1 Metodologia

Para esta pesquisa foi adotada a abordagem metodológica qualitativa, na qual a compreensão sobre os significados que os atores do congado em Minas Gerais e São Paulo atribuem à manifestação em questão, se tornou o principal objetivo. A história oral, como estratégia metodológica, foi utilizada por ser uma importante fonte histórica para obtenção de novos registros sobre acontecimentos passíveis de rememoração (Maia, 1999), pois, nessa metodologia, o passado e o presente se interrelacionam. Para Vidal (2006), a história oral deve ter em conta o trabalho incessante da memória, que opera uma triagem do passado em função do presente, não com a intenção de reviver o primeiro, mas de apresentá-lo em um discurso que seja inteligível.

A tradição oral é para Meihy (2008) uma das mais complexas e finas expressões da história oral, uma vez que considera as continuidades dos mitos e da visão de mundo de culturas e os seus valores filtrados por estruturas mentais transmitidas pela oralidade. Com o método de história oral, estabeleci e ordenei os procedimentos empíricos: mapeamento das principais cidades onde ocorrem manifestações do congado, visitas *in loco* para identificação dos grupos e suas lideranças, agendamentos e realização de entrevistas, registros das entrevistas em meio digital e audiovisual, transcrições das entrevistas, realizações de

observação participante e registros iconográficos das festas, dos espaços e dos sujeitos, devidamente autorizados pelos representantes, e, por fim, análises dos dados coletados. Em algumas cidades, foi possível participar do momento festivo.

Foi priorizado o trabalho com as entrevistas na tentativa de facilitar o processo para recuperar as marcas deixadas na memória coletiva, que para Le Goff (1990, p.22) “é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado”. Para Halbwachs (1990, p. 85), “toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo”. Todos os cuidados com as entrevistas (preparação, realização, transcrição e análises) (Le Ven; Faria; Motta, 1996) foram observados. Neste texto, quando citadas as falas dos depoentes respeitaremos o linguajar utilizado por eles, de modo a apresentar a transcrição mais fidedigna possível em relação à pronúncia.

Assim, no Caminho Velho da Estrada Real, no período de julho de 2018 a setembro de 2019, foi possível realizar visitas e entrevistas nas cidades mineiras de Belo Vale, São João Del Rei, Tiradentes, Ibituruna, Carrancas, Lavras, Conceição do Rio Verde e Itabira (Quadro 1) e no estado de São Paulo, no Vale do Paraíba, os dados foram coletados nas cidades de Lorena, Guaratinguetá, Aparecida, Pindamonhangaba, Cunha, Taubaté e Lagoinha (Quadro 2).

Quadro 1: Cidades e guardas em Minas Gerais

Cidades	Guardas
1. Belo Vale	Associação Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale
	Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Vargem de Santana
2. São João Del Rei	Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário de Santo Antônio de Rio das Mortes Pequeno
	Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião
	Guarda de Moçambique e Santa Efigênia
	Guarda de Congo São Benedito e São Sebastião
	Guarda de Moçambique Quincongo (Distrito de Ijaci)

3. Tiradentes	Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário Escrava Anastácia
4. Ibituruna	Guarda de Moçambique de Ibituruna
5. Carrancas	Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário de Carrancas
6. Lavras	Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito
7. Conceição Do Rio Verde	Irmandade São Benedito e Nossa Senhora do Rosário
8. Itabira	Guarda de Marujo de São Sebastião
	Guarda de Marujo de São Benedito

Fonte: A autora (2020)

Quadro 2: Cidades e grupos em São Paulo (Vale do Paraíba)

Cidades	Guardas
1. Lorena	Grupo Folclórico e Religioso de São Sebastião de Lorena
2. Guaratinguetá	Associação Cultural de Congada e Moçambique
3. Aparecida	Festa de São Benedito
4. Pindamonhangaba	Congada de Pindamonhangaba
5. Cunha	Congada de São Benedito de Cunha
6. Taubaté	Congada de São Benedito do Alto Cristo
	Grupo de Moçambique do Parque São Cristóvão
7. Lagoinha	Congada de São Benedito e Nossa Senhora da Conceição

Fonte: A autora (2020)

Em síntese, foram 8 cidades, 14 grupos e 18 entrevistados em Minas Gerais e 7 cidades, 8 grupos e 16 entrevistados em São Paulo, totalizando um número de 15 cidades, 22 grupos e 34 entrevistados.

Chamou-nos a atenção o fato de os depoentes serem extremamente solícitos em oferecer informações sobre os seus grupos. Muitos deles agradeciam a realização da entrevista e a importância de publicá-la para que mais pessoas possam conhecer, compreender e respeitar a manifestação do congado. Segundo eles, só assim ela será valorizada, fazendo com que a história dos negros escravizados no Brasil não seja esquecida e novas escaladas sejam possíveis, como, por exemplo, o enfrentamento ao racismo.

2 A manifestação do congado

Não se sabe ao certo a origem da manifestação do reinado, congo, congado

ou congadas no Brasil e sim, que ela se encontra disseminada em várias regiões do país. Além de Minas Gerais, também nos estados de Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro existem registros desse tipo de festividade desde o início da colonização. O primeiro deles, segundo Lucas (2002), é uma carta datada de 1552, na qual o jesuíta Antônio Pires refere-se à participação dos negros em uma festa do Rosário, em Pernambuco, já organizados em uma Confraria do Rosário.

O congado é a expressão de uma religiosidade mítica afrodescendente num país onde o catolicismo já imperava quando aqui aportaram os negros. Segundo Bastide (1971), a transmissão dos valores católicos para o povo africano foi mais eficaz entre os bantos (do Congo, de Angola e de Moçambique) uma vez que era possível fazer aproximações com aspectos culturais da etnia como os cultos aos ancestrais e mortos, à condenação ao suicídio e a ideia de que a concepção de um ser não ocorre sem a vontade de um ancestral (no catolicismo, Deus). Desse modo, o povo banto se tornou mais permeável à crença cristã e à constituição das irmandades do Rosário.

Ainda segundo Bastide (1971), as irmandades (confrarias) da Virgem do Rosário ou de São Benedito, ofereciam aos bantos a intermediação e adaptação a sua religiosidade, pois a concepção de que os santos eram os intercessores entre os homens e Deus identificava-se com a de que os ancestrais eram responsáveis por levar seus pedidos a Zumbi ou Zâmbi. Os bantos pensavam que a Virgem e os santos viveram na terra antes de seguirem para o reino de Deus e, assim, poderiam ter sido um de seus ancestrais (Noronha, 2017).

No estado de Minas Gerais, a reza do rosário e a devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos foi iniciada por ocasião do deslocamento de escravos das lavouras de cana-de-açúcar para a extração de ouro, principalmente, na antiga capital Vila Rica, no século XVIII¹. Esses escravizados, então, se estruturaram socialmente, e, ocasionalmente, se vincularam às Irmandades, Confrarias ou Ordens Terceiras, que lhes aceitassem, tendo em vista que essas irmandades reproduziam o sistema de classes sociais, havendo aquelas

¹ Ver Perez *et al* (2018).

adequadas aos brancos e aquelas que aceitavam, como membros, os escravos, os alforriados, ou mesmo os brancos pobres. A criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto (antiga Vila Rica) data de 1711, num registro feito por André João Antonil, relatando o costume dos negros de escolherem reis, juízes e juízas nas festas dos santos (Mello e Souza, 2002).

Outro registro sobre a origem do congado é a história de Chico Rei² antigo rei africano que teria vindo como escravo para Vila Rica, no século XVIII. Após conquistar sua liberdade e ajudar na alforria de outros escravos, ele construiu, no bairro Alto da Cruz, uma igreja para cultuar Santa Efigênia. Segundo a tradição oral, Chico Rei teria sido coroado rei da festa de Nossa Senhora do Rosário pelo Bispo de Diamantina (Lucas, 2002). Santos (2019, p. 19) afirma que “o mito de Chico Rei está intimamente ligado à origem do Congado, às africanidades revividas no território ouro-pretano e à herança de coroações de reis negros”. Tratar dessa historicidade sem aludir aos reinados negros é, para a autora, negar as práticas manifestas e as africanidades recriadas naquele contexto.

José Roberto, líder da Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, na região de São João Del Rei (MG), nos apresenta sua versão de como começou o congado ao sintetizar a história de Chico Rei:

J. R. (2019): Então assim, como o congado nasceu na senzala não tem uma pessoa que começou? Não, ele nasceu de dentro da senzala por quê, na época que os negros foram ficando livres, foi de onde eles foram trazendo, de dentro da senzala veio para rua. Vamos dizer assim, existe uma história, existe um livro, (...) chamado Terra de Minas. Esse livro... ele é muito raro e eu já tive o prazer de ler um pouco desse livro e a história como o Congado veio parar, principalmente no estado de Minas. Ele fala de um rei negro chamado Chico Rei. Ele era Rei lá na África e veio deportado para cá, não sabe porque. O pessoal revoltou pela cor da pele, pegou eles no porto e trouxe ele para cá, pro Brasil. Ele chegou aqui como escravo, e na condição de escravo, também a família toda dele, colocaram ele para trabalhar numa mina de ouro, para fazer serviço escravo em Ouro Preto. ele foi trabalhando e juntando pó de ouro, aqueles farelinhos, que para ele era ouro da liberdade, da família primeiro e por último dele. E no final desse sofrimento dele, ele deparou com a imagem de Nossa Senhora no retrato de Nossa Senhora de Santa Efigênia, na parede da mina de ouro. Aí depois disso aí, já foi considerado como se fosse uma graça muito grande dele, por já ter conquistado a liberdade dele, da família de ter comprado. Ele comprou né a liberdade dele e da família dele com o ouro do trabalho, que ele foi... na verdade esse trabalho dele que esse ouro que ele foi tirando

² Ver Santos (2019).

assim, ninguém tinha conhecimento. Ele fez isso para poder ganhar a liberdade de novo então através dessa visão que ele teve foi aonde que ele fundou o Congado. Esse é o primeiro congado que se tem registro e conhecimento aqui no estado de Minas chama Congado de Santa Efigênia.

Certamente é no estado de Minas Gerais onde se localiza a maioria das guardas de congado do país atualmente. Seus festejos têm despertado interesse de pesquisadores de diversos campos do conhecimento, pois o congado, assim como a humanidade, é complexo e sempre existirão desafios acadêmicos a serem perseguidos em relação a essa manifestação (Noronha, 2017).

Seus rituais são vividos num ciclo anual de festas, que envolve a realização de novenas, levantamento de mastros e bandeiras, procissões, cortejos solenes, coroações de reis e rainhas, cumprimento de promessas, leilões, cantos, danças, banquetes coletivos e missas (Nery, 2015). Trata-se de uma estrutura organizacional que se funda em uma narrativa mítica em torno da Santa, Nossa Senhora do Rosário, considerada pelos congadeiros, mãe e protetora, e constitui o imaginário de seus devotos. Nessa estrutura é possível identificar aspectos simbólicos e significantes, representando o legado de nações africanas e seus reinos sagrados em nosso país (Noronha, 2017). Os santos pretos (São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão) são também reverenciados. São Jorge, São Bartolomeu, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, dentre outros, também podem ser encontrados nos grupos, mas os primeiros sempre estarão na linha de frente, já que, sendo santos negros, encontram maior identificação com a manifestação do congado.

É na discussão proposta pelo mitólogo e historiador romeno Mircea Eliade (2006) que encontro uma das definições de mito como uma história verdadeira e preciosa, porque, sendo sagrada, exemplar e significativa, fornece modelos para o comportamento humano, conferindo significado e valor à sua existência (Noronha, 2017). Para Eliade (2006), os mitos se referem sempre a uma criação e narram como algo começou a existir. Desse modo, eles constituem os paradigmas de todo ato humano significativo: ao conhecer o mito, conhece-se a origem das coisas. Esse conhecimento não é exterior, abstrato e, sim, vivido ritualmente, quer narrado, cerimonialmente, ou efetuando o ritual do qual ele é a justificação. Vive-se o mito que é imbuído dessa força sagrada, exaltante dos

acontecimentos, que são reatualizados. Essa ação será sempre uma experiência religiosa, uma vez que está na ordem do extraordinário da vida cotidiana (Noronha, 2017).

Eliade (2006) nos lembra ainda que a história contata pela narrativa mítica é sempre divina, pois os personagens são os seres sobrenaturais e os antepassados míticos. Para o homem religioso, a existência real e autêntica se inicia no momento em que ele recebe a comunicação dessa narrativa primordial e assume as suas consequências. Essa experiência fica latente na fala de Tiago Oliveira Galvão, do Congado Irmandade de São Benedito, em Conceição do Rio Verde (MG), ao proferir o significado de fé em sua vida:

T. O. G. (2019)³: Ah, significa muita coisa boa! Quem não dança Congada, não sabe o quanto que a Congada é boa, e faz bem para a vida da pessoa, para vida da gente. Porque congada é dança, é cultura, é folclore, é tradição, é crença, é religião.

Conforme mencionado anteriormente, no Caminho Velho da Estrada Real identifiquei que a devoção à Nossa Senhora do Rosário é mais pulsante nas cidades de Minas Gerais e à São Benedito, nas de São Paulo. Nos próximos tópicos irei tratar sobre os mitos, conforme a concepção de Eliade (2006), anteriormente abordada, que envolvem esses dois santos, buscando, em seguida, as aproximações e distanciamentos encontrados nas histórias e memórias narradas pelos depoentes dessa pesquisa.

3 O mito da Grande Mãe Nossa Senhora do Rosário

O mito de Nossa Senhora do Rosário é ligado à terra, à agricultura, à vida nas aldeias, à Mãe-Terra, à Grande Deusa (Grande Mãe que é a própria Santa). Em outro estudo (Noronha, 2017), desenvolvo uma análise sobre os elementos arquetípicos e simbólicos presentes na narrativa mítica matriarcal, lunar e noturna, como características herdadas do contexto africano, em contraponto à religiosidade patriarcal, solar e diurna, do Ocidente. A teoria do imaginário de Gilbert Durand (2002) foi o principal aporte para as análises com foco nas narrativas que envolvem os dois santos.

³ Na citação das entrevistas optei por colocar as iniciais do nome do entrevistado seguido do ano em que foi feita essa coleta de dados.

Uma constatação é a de que a narrativa mítica é contada e recontada de maneiras diferenciadas em cada grupo. Isto se dá pelo fato de sua transmissão ocorrer privilegiadamente pela oralidade. Mas, apesar das pequenas diferenças entre uma narrativa e outra, “é sempre a história de Nossa Senhora do Rosário, que nunca é a mesma, é sempre diferente de si mesma e, independente disso, continua a ser a mesma (Noronha, 2017, p. 125). De tal maneira que cabe acrescentar:

[...] esse modo de contar e recontar, sempre, diferentemente reposto, faz com que o conto originário deslize pelo tempo e pelo espaço, representando diversos acontecimentos, os quais podem ser associados a diferentes situações existenciais dos congadeiros. (Noronha, 2017, p. 125)

Para Duvignaud (1997), a narrativa mítica opera no devoto fazendo com que ele nunca esqueça o seu passado. E continua o autor, alegando que o passado não existe, é ele próprio uma invenção e a memória coletiva, sendo também um mito, inventado para que os humanos vivam o esquecimento. Desse modo, o mito, a religião, os símbolos foram criados pelos humanos para lembrar. O oposto acontece com a ciência, que, por meio da escrita e da imprensa, armas poderosas na luta contra o esquecimento, registram e garantem a memória coletiva de grupos em um dado tempo e espaço (eis a diferença entre história e memória coletiva, amplamente discutida por Halbwachs e outros).

Vejamos algumas narrativas dos depoentes do Caminho Velho. Primeiramente a de Sérgio A. S. Lima, da Guarda de Nossa Senhora de Vargem de Santana, Belo Vale (MG):

S. A. S. L. (2019): Nossa Senhora do Rosário que me falaram foi a mãe dos escravos. Os escravos tudo tinha devoção com ela. Porque quando tiraram ela do mar, vamos dizer o que eles me contaram: os brancos levaram ela pruma capela bonitinha, os escravos fizeram o trabalho tudo pesado, os brancos pegaram, levaram e trancaram ela lá dentro. Ai já no outro dia que eles voltaram ela não tava lá. Ai os escravos arrumaram uma casinha de sapé na maior humildade e não prenderam ela e ela ficou lá. Os escravos perguntaram o que ela queria em troca e ela falou que era só tomar benção mamãe. Isto daí é a história que já vem, que o pessoal mais antigo me conta.

Em seguida, temos o depoimento de Tiago O. Galvão, do Congado Irmandade de São Benedito, de Conceição do Rio Verde (MG):

T. O. G. (2019): Bom, da Nossa Senhora do Rosário eu sei bem menos. Que tipo assim, pelo que eu sei e fiquei sabendo dos mais velhos, né? Que tinha, os negros estavam, tipo assim, na beira do mar né? Estavam cantando, dançando, batendo nos tambores deles. E nisso, do nada

apareceu uma luz, do nada apareceu uma luz e desceu uma santa do céu e sentou bem em cima de um dos tambores que eles batiam. E nisso, todos eles pararam com aquilo, com aquela dança, com aquela batucada, todo mundo se ajoelharam e levantaram a mão para ela. Só que eles eram escravos, né? Eles estavam naquele momento de fé, de devoção deles, eles estavam nas horas deles, e quando eles estenderam a mão para ela, aquela corrente se quebrou, entende? Aquela corrente se quebrou, e eles com a mão estendida a ela, ela deu um rosário a cada um deles. Por isso que todos os congueiros, guarda de moçambique, de Congada, ele tem que carregar um rosário, no pescoço, no peito, porque a Nossa Senhora, ela abençoou os negros através daquela dança, daquela festa deles, né? E ela abençoou eles. Então, toda pessoa que mexe com as congadas, Moçambique tem que trazer em si próprio, o rosário, representando a Nossa Senhora do Rosário, porque foi ela que, ela é a mãe dos negros, de todo mundo, mas ela foi uma santa que, no exato momento que os negros estavam mais precisando, ela chegou e ajudou. Aquelas correntes que eles estavam usando, ela chegou e partiu. E ela abençoou eles lhe dando o rosário.

O depoimento de João dos Santos Leone, da Guarda de Marujo de São Sebastião, Itabira (MG), nos traz novas informações:

J. S. L. (2019): Ô menina, segundo o pessoal conta, no tempo dos escravos ela apareceu no mar, dentro d'água, e tinha os donos dos escravos, tinha os brancos e os pretos. Os brancos não misturavam com os brancos. Ai junto a turma de branco, do patrão, foi chamar Nossa Senhora, fez a capelinha pra ela, pois ela lá e ela voltou. Pro rio, buscou duas vezes e ela voltou. Ainda tinha um escravo antigo, o pede o senhor lá, as vezes, nos buscando lá, ela fica na igreja, e o dono dos escravos falo: ah, ela num veio com nos que é branco 'oces que, ela num vai vim não, então vai lá e busca pra ver se ela vem. Ai diz que eles juntaram vasia (*vasilha*) veia, lata veia, aquele trem todo, chego lá, foi cantando e ela veio, colocou lá ai formo o congado. Assim que formo o congado. O rosário que Nossa Senhora do Rosário ela é mãe de todos os congadeiros do Brasil. Então o congadeiros que é congadeiros tem que andar com o rosário, esses ai eu mesmo que faço. Porque quando acho ela, ela veio do meio do mar, né, e ela veio com o rosário, e ela chama Nossa Senhora do Rosário, é mãe de todos congadeiros. Nos temos que ter o rosário e agente prova que nós somos filhos de Nossa Senhora do Rosário.

Como se pode observar, as narrativas apresentam uma relação causal entre a Santa e os motivos que a tornaram protetora dos negros. Ela aparece primeiro para os brancos, mas são os negros que conseguem retirá-la das águas. São eles, então, que constroem para ela uma ermida. Assim, o rosário se transforma no símbolo principal da proteção da Grande Mãe. Ele é a harmonização dos contrários, o masculino e o feminino. Marca o eterno recomeço (Noronha, 2017). O rosário é, além disso, um mantra, assim descrito por Tadeu Nascimento Souza, da Guarda de Moçambique e Santa Efigênia, São João Del Rei (MG):

T. N. S. (2019): O congado é este terço ali, a gente fala congado mas é o rosário. Então, na frente ali tem as caixas que vai, tem as bandeiras, depois pai e filho que vai né, depois vem os demais. E o congado é igual

you tivesse rezando um Pai Nosso e rezando Ave Maria, porque you pega aqui numa conta dessa you reza “Ave Maria cheia de graça o senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre Jesus” e depois o pessoal responde: “Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte, amém”. Então quem fala essa Ave Maria é o Capitão, ele dá o canto em primeiro lugar e aí o pessoal responde lá atrás né. Então isso que nós falamos que é um rosário, a gente começa cantar e o pessoal responde o ponto. Eu vou cantar um ponto pra you né. Um ponto de jomba que eu mesmo fiz, ela é da minha autoria, assim como eu te falei a jomba é mais devagar: “toda madeira do mundo/ foi Deus que mandou plantar/ todo o milagre do mundo/ é Nossa Senhora quem dá/ Nossa Senhora me deu/ ela me ensinou a rezar/ o rosário de Maria/ ela me ensinou louvar.... Nesta hora que aí os camburecos respondem junto, todo mundo junto. É o que eu te falei Ave Maria...depois Santa Maria... Os outros, repete o refrão do que eu falei na frente, é continuação.

Outro elemento presente no congado é o tambor. Os negros colocam a Santa num tambor feito de madeira, que passa a ser seu primeiro andor na festa. O tambor está presente nas festas da cultura negra, ele é um instrumento primal, arquetipal. É o *ngoma* na língua banto. É a pulsação da vida com a diástole e a sístole, e suas batidas seguem esse ritmo. É a ligação entre a terra e a Grande-Mãe numa estrutura sintética, equilibrada. (Noronha, 2017).

Nossa Senhora do Rosário é uma Santa branca e em sua imagem vemos o Menino Jesus de um lado e o rosário de outro. Algumas vezes ela está cercada de anjinhos aos seus pés e em outras estão presentes São Domingos de Gusmão e Santa Catarina de Sena (eventualmente pode aparecer São Francisco de Assis). A Senhora do Rosário é comemorada no dia 07 de outubro, data definida pelo papa dominicano São Pio V para lembrar a vitória dos cristãos sobre os turcos, na batalha naval de Lepanto, no mar Mediterrâneo, em 1571. Mas existem registros da devoção a Nossa Senhora do Rosário já no século XIII, pelos frades dominicanos. Também em Portugal já existia a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desde o século XV (Van Der Poel, 2013). No Brasil, encontramos irmandades e igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em várias regiões do país e, especialmente nas chamadas cidades históricas da Estrada Real.

As festas acontecem no período que vai desde o sábado de Aleluia, na quaresma, até o dia 08 de dezembro, quando se comemora o dia de Nossa Senhora da Conceição. Cada grupo se organiza conforme os outros santos homenageados. Fica claro que a fé em Nossa Senhora do Rosário mobiliza a vida dos congadeiros e se relaciona com o amor, com a crença na tradição, com os

inúmeros milagres e as graças alcançadas por intercessão da Santa.

4 O mito de são Benedito

A história conta que Benedito de São Filadelfo (1526-1589), o preto⁴, nasceu em São Filadelfo, na região da ilha de Sicília, na Itália. Era filho de um casal de escravos etíopes negros que tiveram seus 4 filhos alforriados. Até os 18 anos, Benedito foi pastor de ovelhas e, logo depois, participou de um grupo de orientação franciscana. Em 1564 entrou na ordem franciscana como irmão leigo, no Convento de Santa Maria de Jesus em Palermo. Lá ele foi cozinheiro, guardião e mestre de noviços. Tinha fama de milagreiro, por isso, era muito procurado para orações e curas. Para a igreja tradicional, ele foi um santo obediente, com todas as virtudes que um escravo devia ter. Entretanto, as histórias populares afirmam exatamente o contrário, que ele era desobediente, cativo e santo. Passou por provas com mansidão, paciência, sofrimento e humildade. Várias são as proezas a ele atribuídas, mas o seu principal milagre foi o das rosas: diz a narrativa que ele distribuía alimentos do convento para os pobres. Uma vez surpreendido pelo feitor, este lhe pergunta o que levava escondido debaixo das mangas largas do hábito, ao que Benedito responde lhe mostrando as rosas. Benedito foi beatificado em 1763 pelo papa Clemente XII e canonizado em 1807 por Pio VII (Van Der Poel, 2013).

São Benedito, por sua humildade e caridade para com os pobres, é reconhecido por estes como seu protetor amado. É venerado de norte a sul do nosso país, sendo padroeiro de várias cidades. Suas festas específicas ocorrem em abril e maio, mas ao longo de todo o ano é lembrado. Por sua habilidade na cozinha, ele é considerado o Santo Cozinheiro e se diz que aos seus devotos nunca faltará o alimento. É por isso que em muitas casas encontraremos a imagem de São Benedito na cozinha. Há quem sirva o café para o Santo todos os dias antes mesmo de tomar o seu. O Senhor Benedito Guilherme de Faria, do Grupo de Moçambique do Parque São Cristóvão, Taubaté (SP) fala da experiência dele e de sua esposa com São Benedito:

⁴ Frei Chico (Van Der Poel, 2013, p. 972) afirma que a palavra *Benedictus*, em latim, quer dizer abençoado, em português, e se refere também a “São Bento (480-547), fundador dos beneditinos. Em italiano, os dois santos têm o mesmo nome *Benedetto*”.

B. G. F. (2019): É assim, desde os ensinamentos meu e dela, desde nós novo, nós aprendemos assim, casa onde há o São Benedito nunca há de faltar o que comer, então pode vê aqui em casa, tem ele, ali, ali. A gente pede muito a Deus que hoje nos dê o de comer e amanhã não falte. Casa que tem São Benedito nunca falta, graças a deus. Nunca faltou pra nós.

Para o Santo Negro, mineiros e paulistas cantam e dançam, principalmente nos rituais de alimentação, sempre com muita alegria e disposição. Os congadeiros têm orgulho de saber a origem do Santo, como nos fala Geraldo Ubirajara da Silva, do Grupo Folclórico e Religioso de Moçambique de São Benedito de Lorena (SP):

G. U. S. (2018): Uma vez eu fui dá uma entrevista em Aparecida e a jornalista perguntou pra mim assim, foi perguntando ai perguntô: - e São Benedito é africano? Eu falei: - não, é italiano. - Que esquisito um negro italiano!!! E a moça foi pesquisar ai viu que era. Aí eu falei: então o ensinamento do meu pai foi muito bão, que eu aprendi demais.

Nas cidades do Vale do Paraíba, no Caminho Velho, São Benedito é o principal santo de devoção. Aqui, mais uma vez, as histórias são passadas de geração para geração, contadas e recontadas com elementos diferentes, mas sempre preservando o principal, como nos mostra Helena C. Felisberto, da Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de Lavras (MG):

H. C. F. (2019): São Benedito ele era cozinheiro do quartel ne, então ele todo dia, ele gostava de cuidar das crianças de rua, aquelas crianças abandonadas, passando fome. Ai todo dia, ele tinha a batina dele, que ele amarrava e enchia as mangas com coisas para as crianças comer. Elas ficavam tudo esperando ele, ele levava. Ai quando foi um dia o comandante falou: “o que que ce ta levando ai Benedito?” “Num tô levando nada não, senhor”. “Ce tá levando alguma coisa ai, o que que tem nesta camisa sua que tá cheia?” “Num tem nada não senhor.” “Então abre esta camisa ai?” Aí quando ele abriu caiu aquele tanto de rosa assim. Por que ele cuidava das crianças que passava fome.

Tiago O. Galvão, do Congado Irmandade São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, de Conceição do Rio Verde (MG) acrescenta:

T. O. G. (2018): Bom, não sei tantas coisas. São Benedito, eu sei que foi, pai e mãe pobre, foi pessoas, tipo assim, pessoas pobres, humildes e ele estudou para padre também. Inclusive, sei poucas coisas, não vou dizer assim, são poucas coisas que eu sei. Ele fez eu sei que ele fez, foi uma pessoa caridosa, a uma pessoa de bom coração, tipo assim, tudo que ele conseguia para ele, não ficava só para ele, ele repartia para quem tivesse ao redor dele, as pessoas mais necessitadas, os mais pobres, principalmente as pessoas da rua, aquelas pessoas que sofriam com fome, sede, que não tinha abrigo, não tinha nem sequer onde dormir, então, essas pessoas que foram mais ajudadas por ele. Isso é um pouco das coisas que eu sei. E ele foi, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, por ser em vida umas pessoas tão boas e caridosas, foram considerados os padroeiros das congadas, que muitas pessoas fala que São Benedito é protetor dos Pretos. Muita gente fala: São Benedito é o

protetor dos pretos, mas não é só protetor dos pretos, é protetor dos pretos e brancos, daqueles mais necessitados, daqueles que têm mais fé e devoção com ele.

E João dos Santos Leone, da Guarda de Marujo de São Sebastião, de Itabira (MG) informa:

J. S. L. (2019): Ô menina, São Benedito o pessoal conta que ele foi cozinheiro, diz que à noite ele pegava a comida escondido e levava para os negros na senzala... levava para os negros. Aí diz que um branco falou: O senhor Benedito tá pegando comida e levando pro pessoal na senzala. Ah vamo tocaíá Benedito? Ah num vamo tocaíá nao, ele é preto ninguém vai vê no escuro. Ah põe o chocaio (*chocalho*) no pé dele. Aí diz que Benedito pois a comida no avental e lá vai. Que que cê tá levando aí? Eu tô levando flor. Ah deixa eu vê. Aí quando ele virou assim, a comida virou pura flor e falou assim: este homi é santo. Aí virô Santo, Benedito o cozinheiro. Por conta das flor, ele levou comida mas quando Deus viu que os negro tava com fome, ele transformou em flor, pro patrão não bater nele, nem matá ele. Porque se o patrão soubesse ele ia escravizar ele mais ainda. Deus virou a comida em flor.

Na história oficial e na popular de São Benedito, vemos o poder dos brancos sobre os negros, e ainda, a transgressão e desobediência como resistência dos escravizados. Os símbolos são femininos e destacam o cuidado, a proteção, assim como a Grande Mãe Nossa Senhora do Rosário. A rosa é feminina. Maria, por exemplo, é chamada de rosa e essas enfeitam as festas. Além disso, vemos São Benedito como um escravizado que se tornou Santo. Certamente, essa é a materialização do pensamento branco dos negros da diáspora, pois, ele era um homem como eles, daí a identificação. Desse modo, é dele que os negros se tornam irmãos e vão servi-lo com a devoção. É o que diz Osvaldir A. L. de Toledo, do Congado de São Benedito, de Cunha (SP):

O. A. L. T. (2019): Eu sou católico. Não frequento a igreja, mas eu tenho devoção, sou devoto meu de São Benedito memo... por causa da cor! Minha família inteira, família inteira. Praticamente toda minha família, é irmão, filho, é mãe, pai, todo mundo é da Congada e devoto de São Benedito.

Os depoentes ressaltam que a devoção é de tradição. Concordo com Trevisan (2020) quando este dialoga e critica o conceito de tradição inventada, de Hobsbawm:

Para ir além da crítica Hobsbawmiana, a tradição deve ser entendida enquanto elemento formador de identidades de um determinado grupo social e mesmo no âmbito individual que em última instância adere a determinados complexos simbólicos que passam a dar sentido a sua existência na relação e na diferenciação com os demais (identidade

reflexiva), compreendendo as identidades enquanto elementos dinâmicos, flexíveis, híbridos e, portanto, em permanente transformação. (Trevisan, 2020, p. 138)

Assim, a tradição é entendida em seus aspectos históricos e os elementos a ela relacionados fazem com que se perceba a dinâmica ativa do processo de construção de identidades, uma vez que os sujeitos deixam de ser entendidos apenas como receptores, mas, sobretudo, capazes de aceitação ou recusa daquilo que se apropria. As tradições

[...] não podem ser consideradas como estanques e imóveis no tempo, mas em constante transformação e readaptação às novas situações sociais, formulando narrativas (mistificadas) sobre o passado, organizando temporalmente e espacialmente a sociedade na qual se encontram. (Trevisan, 2020)

O congado é tradição. Existe uma mobilidade nos grupos que se organizam com ou sem as irmandades. Eles são fundados por inúmeros motivos, como mudança de localidades, influência da família, convite de amigos, entre outros. Aquele que tem o conhecimento funda outro grupo e, quase sempre, ele será o capitão principal. É um movimento cíclico que provoca novas possibilidades de encontros e socialidades. É a tradição que “se repete, ao mesmo tempo em que se modifica, em que acolhe o novo. Ela muda sem mudar, pois, o que importa é a repetição pela experiência da vivência cíclica” (Noronha, 2017, p. 209). Diz a congadeira Rosânia M. C. L. Silva, da Congada Moçambique de São Benedito, de Lorena (SP):

R. M. C. L. (2019): Eu não sei os outros, mas a nossa Congada traz a tradição de trás, mantivemos a tradição, procuramos não fazer mudanças. Porque se fundou assim eu acho que tem que manter assim, até pra não se perder a tradição. Aí lógico, você, alguma dança, o manejo dos bastões, o passar da estrela, que tem a estrela, a onda, mas sempre mantendo a tradição, porque ela não pode se perder.

A tradição funda-se na experiência e aprendizado deixados pelos antepassados, conforme relata a mesma informante:

R. M. C. L. (2019): Sou devota de São Benedito desde sempre. E meu pai também. Sempre, toda vida. Porque como te falei, veio lá de trás, veio com meus avós. Então, essa aí de São Benedito eu já comecei junto com meu pai, eu já ia mesmo que eu não participava porque era muito pequena, depois comecei a segurar bandeira. Tem um momento na apresentação da Congada que se guarda a bandeira, até no verso o mestre cantando ele pede que guarde a bandeira. Então nesse momento quando pedia “Rainha, guarde a bandeira”, eu ia pra linha dançar com meu pai, entendeu? Então era eu, meu pai e meu irmão, que faleceu.

Depois ficou só eu e meu pai, era as festas da Cavalaria de São Benedito, era o café da manhã quem fazia era eu, nós sempre junto com meu pai, e na hora da missa tinha que buscar o padre porque era muito corrido, é muito corrido, sempre junto com meu pai. Quer dizer, eu trago desde meu primeiro suspiro, quando comecei a falar, eu vivo São Benedito.

Por sua vez, Joaquina Vieira, da Congada de São Benedito do Alto Cristo, de Taubaté (SP) nos diz que:

J. V. (2019): Então a gente faz tudo essa parte da Congada porque aqui em Taubaté não tinha Congada, a nossa é a primeira Congada que existe aqui em Taubaté, que de São Luiz nós viemo pra Taubaté que foi, que eu tava falando pra você, que foi fundada nossa Congada e o Mestre nosso era o meu pai, que era o Mestre Capitão que deixou pra própria filha continua levando a frente a tradição.

A força da tradição se confirma também na fala do Senhor Geraldo Ubirajara da Silva, da cidade de Lorena (SP), que reconhece a importância desta pesquisa na divulgação das festividades e na sua manutenção: “Enquanto tiver pessoas igual você pesquisando, se interessando por nós, nossa tradição nunca vai morrer”. Diz ainda Tiago Oliveira Galvão, de Conceição do Rio Verde (MG) sobre o valor do congado, confirmando o sentido da festa para os congadeiros: “quem não dança o congado não sabe o que é bom. É cultura, é dança, é folclore, é tradição, é crença, é religião”.

5 Rituais festivos: onde os mitos se encontram

Imbuídos da fé em Nossa Senhora do Rosário, em São Benedito e em outros santos, as guardas de congado festejam e celebram seus padroeiros. Em cada festa, em cada ritual, eles revivem a tradição mítica (religiosa) ligada aos seus santos protetores. Os rituais se constituem como “configurações teatrais que dizem a comunidade aquilo que ela foi, é e poderá ser, mediante um conjunto de atitudes que devem ser analisadas pelos devotos” (Pereira; Gomes, 2002, p. 63). A representação viva da cosmogonia orienta a vida individual e coletiva dos atores-devotos.

Todos os rituais são vividos com muita fé, concentração, cumplicidade e responsabilidade. Tanto em homenagem a Nossa Senhora do Rosário (MG) como a São Benedito (SP), eles seguem uma estrutura organizacional. Em maior ou menor proporção, essa estrutura está presente em todas as festas e simbolizam o fundamento, o mandamento e o sacramento da manifestação. Estes rituais

podem durar de um a dez dias, dependendo do local e do grupo.

Tomemos como exemplo a festa de São Benedito em Aparecida (SP). Esta é a principal festa dedicada a este Santo e acontece desde 1909. Isabel Cristina Oliveira César dos Santos e João Donizete dos Santos, dois dos mais de mil e quinhentos organizadores envolvidos com a festa em Aparecida relatam como acontece a programação:

I. C. O. C. (2019): Sábado eles chegam 5 horas da manhã, cada um vai pra sua escola, tomam café da manhã já se uniformizam e já vão para o pátio da Basílica, porque o primeiro evento deles é pedir a benção pra Nossa Senhora, entrar no Santuário e todas entram no Santuário, passam pelo altar, depois saem almoçam lá embaixo no pátio, na Basílica, depois já sobem pela passarela pra fazer consagração na praça de Nossa Senhora Aparecida. O padre faz no palco, consagra todos, jogam água benta, eles entram na igreja velha, aí já saem pra buscar Santa Rita. É o dia mais corrido. Aí eles vêm em procissão com Santa Rita até a Praça de São Benedito que já tá na hora de começar a novena, aí eles vão embora descansar. Aí no domingo de manhã, tomam café da manhã, acordam 5 hora da manhã.

J. D. S (2019): Tomam café na escola, aí da escola eles vem pra Praça de São Benedito pra fazer a procissão e a missa pública. Na praça, na igreja não cabe. Tudo acontece ali, alguma entram na igreja pra homenagear, algumas ficam na praça, alguns vão fazer o cortejo pra levar os reis pra missa conga. E essa missa conga também foi instituída pelo Seu Célio Batista Leite, que lá em Minas tinha e isso aqui não tinha, no final da década de... foi quanto Paulinho Pinto foi festeiro, não lembro que ano foi. Paulinho era genro do Seu Célio. 1984 foi a primeira vez que teve a missa conga.

I. C. O. C. (2019): Aí eles fazem a missa conga, aí um grupo só vai buscar o rei com a rainha na casa deles, e eles vem cantando.

J. D. S. (2019): Que é o Moçambique, que é o único que faz é o Moçambique.

I. C. O. C. (2019): E eles vem andando na rua de costas. Aí eles trazem e tem as famílias esperando pro almoço, aí a gente combina, as 13h30 lá onde sai o mastro que é pra baixo da linha, na casa do capitão do mastro.

J. D. S. (2019): Que é centenário também, tá na família dele há muito tempo.

I. C. O. C. (2019): Aí vem em procissão trazendo o mastro que é maravilhosa, a procissão do mastro é emocionante, e todo mundo fica com medo de não levantar porque ele é muito alto e perigoso, vai na guilhotina, naquela praça que não cabe nem ar, é muito legal. Eles vêm e vão pra escola descansar. Domingo eles estão mais tranquilos. E segunda 4h30, 5 horas começa a alvorada. Aí eles vão pra igreja, depois eles tem um café que é montado na porta da casa dos reis, onde os reis moram, todos eles passam tomando café. Aí termina o café e eles já vem trazendo os reis pra missa festiva, a missa de encerramento. Aí eles

assistem a missa e depois as famílias já estão ali pra dar almoço, aí 3 horas a gente vai pra procissão de encerramento final. Ai eles vão pra procissão, termina a procissão e já estão livres pra ir embora.

J. D. S. (2019): Nesse ano (2019) deu mais de 90 Congados, só na procissão.

Para lembrar da habilidade do Santo-cozinheiro, os grupos oferecem nas festas o doce de São Benedito:

J. D. S. (2019): Eles falam doce de São Benedito, é o doce santo. Ai se você tiver com uma dor de cabeça, um dor, se comer uma pontinha daquele doce é a saúde daquela pessoa. Então, porque que todo ano tem doce em Aparecida, em Guará. Toda festa de São Benedito tem o doce e pra quê? O doce é sagrado, tem gente que pega um pouquinho de doce e dá pra família inteira comer.

J. V (2019): Porque uma pontinha de doce que você come é uma graça que você vai receber na sua vida. A saúde é o mais importante, saúde pra continuar levando. Você comê doce é um santo remédio pra você. Minha mãe pegava o doce e dava pra família inteira, uma pontinha. Era a fé. Doce de vários tipos, de abobora, batata doce, mamão, são os três mais chegados. Taubaté alto da cruz.

Em Minas Gerais encontramos, em praticamente todas as guardas, o trono coroadado, composto pelo Rei e a Rainha Congo, o Rei e Rainha Perpétuo, o Rei e a Rainha Mor, o Rei e a Rainha de Ano, o Primeiro, Segundo e Terceiro Capitão, com variações. Em São Paulo, a maioria das cidades não possui o trono coroadado. Eles são o Mestre, Contra-Mestre, Capitão e as rainhas das bandeiras dos santos e do estado. Em suas vestimentas, os grupos destacam as cores dos santos: azul, rosa e branco para Nossa Senhora do Rosário, marrom para São Benedito. Outras cores podem ser usadas dependendo dos santos venerados.

Todos os rituais são desenvolvidos com muita dança e cantos. Os instrumentos usados variam. Os mais comuns são tambor, patangome, caixas, gungas (campanha), sanfona, cavaquinho, banjo, bandolim, violão, pandeiro, reco-reco, AB, cuíca, timba, ganzá, tamborim, tarol, surdo, ruflos, chocalho. Cada grupo usa de acordo com o ritmo tocado, como o congo, moçambique, catopé, vilão, serra abaixo, ou das danças, como a dos bastões. Nas cidades paulistas, a dança dos bastões é muito comum. Segundo Geraldo Ubirajara da Silva, do Grupo Folclórico e Religioso de Moçambique de São Benedito, de Lorena (SP):

G. U. S. (2019): existia a guerra dos negros e os cristão, os mouros e os cristão. O pai ensinava pra nós. Hoje nós representa esta guerra. A dança é em dupla, tem estrelinha, o corte, tem 4 pontas, 12 pontas, 9

pontas. É difícil. E a pessoa quando quer entrar fala que vai apanhar do bastão, mas cê vai ensaiando e já pega, só que a dança é rápida.

Ademar Gonçalo Gonçalves, da Associação Cultural de Congadas e Moçambique Vermelho e Branco de São Benedito, de Guaratinguetá (SP), diz que “você tira o manejo no bastão. Cada verso, dependendo da toada é um manejo. Às vezes a pessoa pega na hora. Os versos a gente faz na hora. Nem todos os versos a gente canta em todo lugar. A gente da uma improvisada e eles tem que entrar”. O Senhor Oscar José da Cruz, do mesmo grupo, nos trouxe alguns versos como exemplo:

O. J. C. (2019): São Benedito quando ele andou pro mundo/ foi cozinheiro/ num convento trabaiô/ foi ser humilde, aliar o coração/ até que um dia nosso Rei o santificou/ como é bunito/ glorioso São Benedito/ ele é o nosso esplendor/ ele é o nosso advogado/ a par com Deus quando o destino tocô.

Conclusão

Como vimos, a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito é muito presente e marcante em várias partes do território nacional, em especial no estado de Minas Gerais e no de São Paulo. Pode-se dizer que ao catolicismo europeu trazido pelos portugueses foram incorporados elementos da cultura africana que permitiram novas configurações simbólicas, festivas e de fé para o povo brasileiro.

A Estrada Real, construída a mando da coroa portuguesa, facilitou a exploração e o envio dos bens naturais de nosso país para a Europa, mas também foi importante para a constituição das mentalidades, subjetividades, lutas e resistências dos moradores das cidades no seu trajeto. A presença de quilombos e de uma população negra nas cidades permitiu a disseminação da religiosidade do congado, fortemente presente, ainda nos dias de hoje.

Conhecer o nosso povo, suas histórias por meio dos relatos de suas memórias, é fundamental para que possamos nos reconhecer como um povo diverso e rico em suas diferenças. Contribuir para “sulear” a nossa história, como tem nos provocado Boaventura de Souza Santos e seu pensamento decolonial, é condição *sine qua non* para que não esqueçamos as lutas dos povos que vieram antes de nós. Afinal, não podemos esquecer a célebre frase atribuída à

historiadora Emília Viotti da Costa: “Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado”. Estas também foram intenções da pesquisa discutida neste artigo.

Assim, conhecer um pouco mais sobre o mito fundante da manifestação do congado, que é baseado na narrativa mítica de Nossa Senhora do Rosário, e na história de São Benedito, este homem que viveu como os negros, foi escravizado, maltratado, humilhado, mas que, com sua coragem ficou ao lado dos pobres, cuidando, protegendo e alimentando-os, é, certamente, entender um pouco mais sobre nós mesmos, nossa sociedade, história e cultura.

Na pesquisa desenvolvida no percurso do Caminho Velho da Estrada Real foi identificado que, apesar da manifestação ser a mesma, ela não acontece do mesmo modo nos estados de Minas Gerais e São Paulo. A principal diferença fica por conta do santo de devoção que está a frente da manifestação. Esse fato faz com que algumas diferenças na tradição sejam encontradas como a formação dos grupos, a presença ou não do Trono Coroado, os regentes dos cantos, as vestimentas, os instrumentos e ritmos tocados, dentre outros. Nas falas de depoentes, as narrativas míticas fundantes emergiram e se tornaram destaques neste artigo.

Espero que mais pesquisas possam ser realizadas neste e nos demais percursos da Estrada Real, ampliando nosso olhar sobre a história do povo brasileiro, sobre a religiosidade afro-brasileira, as cidades e o turismo. Muitas lideranças dos grupos entrevistados disseram que gostariam que fosse divulgado um calendário das festas do Rosário na Estrada Real para que mais pessoas pudessem delas participar. Desse modo, situações de preconceito com o povo negro, com a manifestação do congado (e tantas outras), com as pessoas que a vivem, poderiam ser erradicadas. Reconhecer e valorizar a cultura de nosso povo passa pelo conhecimento sobre elas. E é inegável que a elaboração de políticas públicas também.

Viva Nossa Senhora do Rosário! Viva São Benedito!

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuições a uma sociologia das interpretações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora/EDUSP, 1971.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DUVIGNAUD, Jean. **El sacrificio inútil**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. Ed. São Paulo: Editora perspectiva, 2006.
- ESTRADA REAL. **A Estrada Real**. Disponível em: <https://institutoestradareal.com.br/estrada-real/>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent León Schaffter. São Paulo: Edições Vértice. Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf Acesso em 24 out. 2024
- LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LE VEN, Michel Marie; FARIA, Érica de; MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. História oral de vida: o instante da entrevista. **Varia História**, Belo Horizonte. n. 16, p. 57-65, set. 1996.
- LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MAIA, Andréa Casa Nova. **Memória e cotidiano operário**: Morro Velho no tempo de Vargas. Belo Horizonte, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- MARTINS, Saul. **Folclore brasileiro**: Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/MEC/SESC/FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravagista**: história da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Palavras aos Jovens Oralistas: entrevistas em História Oral. **Oralidade**(Núcleo de Estudos em História Oral). São Paulo, v.3, p.141-150, 2008.
- NERY, Cristiane. **Um olhar sobre o congado das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Cristiane Gusmão Nery/UFGM, 2015.
- NORONHA, Vânia. **Rastros de África no Brasil**: práticas educativas no Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2017.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do não esquecimento**: Cultura popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PEREZ, Léa Freitas; BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; BARROS, Rafael. (Org.). **Festas e viajantes em Minas gerais no século XIX**: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

SANTOS, Amanda Melissa. **O Grande Anganga Muquixe Chico Rei**: a presença do mito negro no Reinado do Alto da Cruz e nas escolas de Ouro Preto/MG. Mariana/MG. 2019. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto.

SEBRAE (Org.). **Resgate Cultural**: Estrada Real. SEBRAE/MG, 2006.

SOUZA, Maria José de. **Reinado e poder no Sul das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

TREVISAN, Ivan Rodrigo. Para além da invenção: uma crítica ao conceito hobsbawmiano de tradição. In: GUILHERME, Willian Douglas (Org.). **História e as práticas de presentificação e representação do passado**. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 136-145. Disponível em <https://sistema.atenaeditora.com.br/index.php/admin/api/artigoPDF/33250>. Acesso em 12 mar. 2022.

VAN DER POEL, Francisco (Frei Chico). **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

VIDAL, Diana G. De Heródoto ao Gravador: Histórias da História Oral. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 77–82, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645455>. Acesso em 29 mar. 2022.